

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA SOBRE ORIENTAÇÃO E DIVERSIDADE SEXUAL: CARACTERÍSTICAS DAS INFORMAÇÕES VEICULADAS PELA REVISTA *SUPERINTERESSANTE*

THE SCIENTIFIC DIVULGATION ABOUT ORIENTATION AND SEXUAL DIVERSITY: CHARACTERISTICS OF THE INFORMATION DIVULGED BY SUPERINTERESSANTE MAGAZINE

Marcos Eugênio Maes (Universidade Regional de Blumenau)

Daniela Tomio (Universidade Regional de Blumenau)

Resumo: Dentre os dilemas sociais de relevância nas atuais pautas das revistas de divulgação científica desperta a atenção os conteúdos sobre orientação e diversidade sexual. Esses assuntos estão no centro das discussões contemporâneas sobre os modelos de relação de convivência afetiva, compreendendo o respeito à diversidade. Nesta pesquisa, objetivou-se caracterizar as informações sobre orientação e diversidade sexual veiculadas na *Revista Superinteressante*. Para tal, foram selecionadas 54 reportagens a partir de uma busca em todas as edições da revista, entre os anos 2000 a 2010, com os termos-chave relacionados ao tema. Com um roteiro de observação, elaborado com categorias a partir de uma pesquisa bibliográfica, coletaram-se as informações. Concluiu-se que a Revista divulga muitas vezes informações que reforçam estereótipos sobre orientação e diversidade sexual. Entretanto, a revista pode servir como um recurso de ensino desde que a leitura tenha como suporte uma discussão crítica sobre as concepções transmitidas.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Revista *Superinteressante*. Diversidade Sexual. Orientação Sexual. Escola.

Abstract: Among the dilemmas of social relevance in the current agendas of magazines to scientific divulgation evokes the attention, the contents about orientation and sexual diversity. These issues are central to contemporary discussions about the models of affective relationship of coexistence, comprehending the respect for diversity. For this reason, this research aimed to characterize the information about orientation and sexual diversity divulged by *Superinteressante Magazine*. To this end, 54 articles were selected from a search in all issues of the magazines between the years 2000 to 2010, with the key terms related to the theme of the research. With an observation guiding plan including categories developed from a bibliographical research, the information was collected. It was concluded that *Superinteressante magazine* divulges information that often reinforce stereotypes about sexual orientation and diversity. However, the same magazine can be a teaching resource in the schools since that the reading of it has as support a critical discussion about the ideas and concepts transmitted by the magazine.

Keywords: Scientific divulgation. *Superinteressante Magazine*. Sexual Diversity. Sexual Orientation. School.

Introdução

Atualmente assuntos relacionados à ciência são amplamente divulgados com diferentes meios e mídias em nossa sociedade. Tais recursos têm sido investigados por pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento que possuem a divulgação científica como objeto de estudo, como, também, servido de fonte de leitura de estudantes e professores/as na escola, que nos processos educativos, buscam ampliar as possibilidades de leitura além dos livros didáticos de ciências. Neste contexto, Miranda (2005, p. 2) destaca:

A co-relação entre divulgação científica e ensino é uma temática que vem sendo paulatinamente explorada por pesquisadores de jornalismo e educação. Mais do que um mero instrumento didático, os textos das revistas especializadas em Ciências servem para discussão de temas atuais, de dilemas éticos da Ciência e de assuntos que, embora presentes no cotidiano dos estudantes, sequer são mencionados nos currículos.

Dentre os temas e dilemas sociais contemporâneos de relevância nas atuais pautas das revistas de divulgação científica desperta a atenção os conteúdos sobre orientação e diversidade sexual, mais especialmente com foco na *homossexualidade*¹. Esse assunto está no centro das grandes discussões contemporâneas com o questionamento das controvérsias que dizem respeito aos papéis sociais de homens e mulheres, os direitos das pessoas optarem sobre maneiras de viverem afetivamente ou decidirem sobre os seus corpos e do que se entende por novas formas de constituição familiar, entre outras. Além disso, observa-se que a sociedade brasileira vive um momento de valorização e respeito às minorias, porém o preconceito contra homossexuais continua muito presente.

As revistas e outras mídias acabam contribuindo, no tratamento dos conteúdos de orientação e diversidade sexual, com a divulgação de informações que permitem às pessoas construir sentidos que irão consolidar ou modificar modos de compreensão e modelos de conduta sobre a sexualidade que é legitimada pela sociedade.

Nesta perspectiva, usar os textos de divulgação científica em sala de aula pode tornar conteúdos conceituais próprios dos currículos de ciências, como, por exemplo, reprodução humana, mais atualizados e contextualizados e, sobretudo, possibilitar uma maior discussão dos diferentes sentidos que podem ser construídos sobre temas científicos em relação às suas formas de produção e impactos na cultura e sociedade. Ainda, ao inserir estes meios de informação na escola pode-se contribuir para a formação de leitores críticos “da palavra”, “do seu corpo e do outro” e do “mundo”.

Uma das revistas de divulgação científica de maior expressão nacional é a *Superinteressante*, com uma tiragem média de 361.231 revistas (onde 246.207 são assinaturas e 115.024 são vendidas avulsas) obtendo-se um total de 2.349.000 leitores, um número extremamente expressivo para uma publicação do Brasil. Destes, 4% possuem de 10 a 14 anos e 14% tem de 15 a 19, ou seja, 18% dos leitores estão em idade escolar. (ABRIL, 2010).

¹ É importante observar que existem várias definições para orientação sexual, estes autores usarão a definição proposta por Le Vay e Hamer (1994) que a consideram como a atração sexual entre pessoas de sexos opostos (heterossexual), entre pessoas do mesmo sexo (homossexual) ou entre ambos os sexos (bissexual).

Assim, pressupõe-se que o alto número de leitores nesta faixa etária evidencia uma de suas importâncias na formação escolar e na opinião dos jovens, ao mesmo tempo em que destaca a sua responsabilidade na transmissão de informações de qualidade, contribuindo para formação de uma opinião pública com base consistente e crítica para as discussões atuais.

Segundo informações disponíveis do *site* da editora:

A SUPERINTERESSANTE é a maior revista jovem do País. Ela inova nas pautas com abordagens criativas para os temas que todos estão discutindo e antecipa tendências, contando para o leitor, em primeiríssima mão, aquilo que vem por aí. SUPERINTERESSANTE é a revista essencial para entender este mundo complicado em que vivemos, ajudando a separar a verdade do mito, o importante do irrelevante, o novo do velho – tudo de forma surpreendente, provocativa e ousada. (ABRIL, 2010).

O acesso ao periódico pode ser feito por meio de assinaturas ou compras da revista impressa, também pode ser acessado pela internet, em sua versão *on line*. Algumas escolas a assinatura do mesmo é disponibilizada pelas Secretarias de Educação. Pela amplitude e facilidade de acesso, a revista contribui para veicular informações sobre, dentre outros assuntos, *homossexualidade*. Neste contexto, objetivou-se por meio de uma pesquisa caracterizar as informações sobre orientação e diversidade sexual veiculadas nesta Revista *Superinteressante*. Para tal, foram objetivos específicos: a) realizar um levantamento das informações veiculadas na revista sobre Orientação e Diversidade sexual - homossexualidade, observando a ocorrência e distribuição ao longo da história; b) identificar nas informações veiculadas na revista os temas que são abordados e os priorizados; c) caracterizar as causas da homossexualidade que são divulgadas pela revista.

Inicialmente, abordaremos um aporte teórico sobre a homossexualidade ao longo da história a fim de evidenciar os pressupostos que orientam as nossas leituras/interpretações das informações coletadas nas revistas.

1 A homossexualidade como orientação sexual ao longo da história

O uso da palavra homossexual surgiu em 1869, pelo escritor e jornalista austro húngaro Karl Maria Kertbeny, com o intuito de substituir o termo sodomita. (SILVA, 2005 apud LONGARAY, RIBEIRO, 2009). Em 1872, o psiquiatra alemão Carl Westphal publicou o texto *As Sensações Sexuais Contrárias*, no qual descrevia os homossexuais como indivíduos dotados de uma “inversão” que definiria sua sexualidade e, a partir dela, seu comportamento e caráter. O homossexual passou a ser identificado como um ser desviado e passível de controle médico e legal. (MISKOLCI, 2007).

Com a “invenção” da homossexualidade houve uma suposta ameaça à ordem. A prática sexual estigmatizada passou a ser encarada como um desvio da normalidade e os homossexuais passaram a ser alvo de preocupação por encarnar temores de uma sociedade com rígidos padrões de comportamento. Por trás dos temores de degeneração sexual encontrava-se o medo de transformações em instituições como a família. Considerava-se que a então chamada “inversão sexual” constituía uma ameaça múltipla: à reprodução biológica, à divisão tradicional de poder entre o homem e a mulher na família e na sociedade e, sobretudo, à manutenção dos valores e da moralidade. (MISKOLCI, 2007).

Em 1897 foi fundado, na Alemanha, o Comitê Humanitário e Científico, o primeiro grupo homossexual do mundo. O CHC era formado por médicos que defendiam a explicação genética para a homossexualidade. Este grupo queria abolir da constituição alguns itens considerados anti-humanitários em relação aos homossexuais, desmitificar informações e despertar o interesse dos homossexuais pela garantia dos seus direitos. O grupo foi bastante eficiente em suas atividades, porém na década de trinta os nazistas passaram a atacar os locais de reuniões dos homossexuais e prendiam seus participantes. Em 1933 os últimos integrantes dissolveram o CHC. Após isso os ideais de direitos para os homossexuais se espalharam, surgindo vários grupos por todo o mundo. (KRONKA, 2000).

Com o desenvolvimento da psiquiatria, a relação homossexual deixa de ser considerada crime e passa a ser doença, caracterizada desta forma, o homossexual deveria receber tratamentos para curar-se de tal patologia, sendo assim, era nomeada como “homossexualismo” para caracterizar um comportamento desviante entre pessoas do mesmo sexo. O sufixo *ismo* refere-se à anormalidade, algo patológico. (FURLANI, 2007).

“Nos anos sessenta apareceram os primeiros movimentos gay”. (LACERDA, PEREIRA; CAMINO, 2002).

Em 1969 em Nova York ocorre o levante de *Stonewall*, a partir daí os homossexuais ganharam mais visibilidade, a denominação homossexual foi colocada em xeque e, desde então, passou a ser denominada também como *gay*. Este termo se opunha ao psiquiátrico homossexual de forma irreverente, pois *gay* significa alegre. (MISKOLCI, 2007).

Em meados da década de 70, passaram a surgir grupos de indivíduos que se declaravam homossexuais em público e que, recusando a designação de “marginais” ou “doentes”, passaram a reivindicar o status de “discriminados”. (LONGARAY; RIBEIRO, 2009). Ainda nesta década a Associação Americana de Psicologia (APA) afirma que este comportamento não é doença, negando a existência de causas psicológicas específicas da homossexualidade e situando-a no quadro das orientações sexuais. (LACERDA; PEREIRA; CAMINO, 2002). Assim, o termo homossexualidade passou a ser mais aceito, levando em consideração o sufixo “*dade*” que em Latim significa “*qualidade de*”, fazendo referência a um tipo de orientação sexual e nesta mesma época a homossexualidade saiu da lista do Código Internacional de Doenças (CID). (LONGARAY; RIBEIRO, 2009).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou-a da sua lista de doenças mentais, no dia 17 de Maio de 1990, declarando que a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão. (LONGARAY; RIBEIRO, 2009).

No Brasil, o movimento homossexual começou com a abertura política e o fim do Regime Militar, no fim da década de 1970, avançando com mais força a partir da metade da década de 1980. (SALOMÉ; ESPÓCITO; MORAES, 2007). Em 1978 surgiu o *Somos de afirmação Homossexual*, primeiro grupo “oficial” de discussão homossexual. Este foi também o ano de lançamento do *O Lâmpião da Esquina*, um jornal da mídia alternativa voltado para homossexuais (KRONKA, 2000)

A década de 80 é marcada como uma “segunda onda”, que caracteriza o movimento homossexual no Brasil, nesta surgiram os grupos Triângulo Rosa e Atobá no Rio de Janeiro e o Grupo *Gay* da Bahia em Salvador. (FACCHINI, 2005 *apud* LONGARAY; RAMOS; CARRARA, 2006). Os movimentos estavam buscando acrescentar à Constituição de 1988 a igualdade entre homossexuais e heterossexuais. O Conselho de Medicina Brasileiro

desconsidera o art. 302.0 da Classificação Internacional de Doença (CID) que considerava as homossexualidades como patologia. (SALOMÉ; ESPÓCITO; MORAES, 2007).

Para Ramos e Carrara (2006) observa-se uma “crise” nos primeiros anos da epidemia de Aids e um “reflorescimento” do ativismo nos anos 1990. Desde os anos 80, a violência contra homossexuais tem representado um tema central para o ativismo e, progressivamente, também para governos e para a mídia. A denúncia de agressões e discriminações motivadas pela orientação sexual ou sexualidade passou a ser marco importante para a trajetória do movimento homossexual brasileiro, que divulgou a expressão “homofobia” para caracterizar esse tipo de violência.

O reconhecimento da especificidade e, ao mesmo tempo, da diversidade de formas de violência que atingem homossexuais fundamenta a criação, pelo Governo Federal, do “Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT de Promoção da Cidadania Homossexual”, lançado em maio de 2004. (RAMOS; CARRARA, 2006).

Nas atuais políticas públicas em nosso país estão em discussão assuntos como: criminalização da homofobia, a união civil entre pessoas do mesmo sexo, casamento gay, transsexualidade etc., porém ainda são necessárias muitas mudanças, pois o preconceito persiste. Segundo levantamento do Grupo Gay da Bahia, o Brasil é o país campeão em crimes motivados por homofobia, em 2009 foram 198 assassinatos e desde 1980 foram documentados 3196. (BAHIA, 2009)

Há muitas divergências a cerca da etiologia da orientação sexual, atualmente as hipóteses estão pautadas em dois grandes grupos, as explicações de origem biológica e as de origem psicológica.

Estudos realizados com gêmeos mostram um índice de até 52% de compatibilidade para homossexualidade entre irmãos monozigóticos, 22% entre heterozigóticos e 6% entre irmãos adotivos, evidenciando ação de algum fator genético (BAILEY; PILLARD, 1991; BAILEY *et al* 2000). Também, Hamer e colaboradores (1993) defendem a existência de um gene localizado no cromossomo X (transmitido pela mãe) na região Xq28, entretanto acredita-se haver outras influências na definição da sexualidade (BAILEY *et al* 2000).

As pesquisas na área hormonal igualmente não são concludentes, porém as hipóteses mais importantes estariam ligadas a vida intra-uterina. Byne e Parsons (1993) acreditam que altos níveis de testosterona gerariam um cérebro masculino, portanto em fetos femininos acarretaria na homossexualidade, já um feto masculino seria heterossexual. Baixos níveis de testosterona produziram, em fetos masculinos, a homossexualidade e, em femininos, a heterossexualidade. Tais estudos foram realizados em animais e critica-se a aplicabilidade deles em humanos. Ainda, estabelecendo uma relação hormonal com a orientação sexual, Cantor e colaboradores (2002) concluíram, em uma pesquisa realizada com 1921 mulheres e 1511 homens, que a puberdade (de uma forma geral) se inicia mais cedo em homens não heterossexuais, o que apóia a explicação biológica, todavia esta relação não se estabelece em homossexuais femininos, o que sugere origens diferentes para a orientação sexual nos diferentes sexos.

De acordo com Lippa (2006) há uma relação entre o comportamento destro e a orientação sexual, em suas análises as mulheres homossexuais tiveram 22% a mais de chance de não serem destras e os homens 82%, o que reforça a etiologia biológica.

Em 2000, Williams observou que há uma relação entre a proporção do comprimento dos dedos, uma característica determinada pelos hormônios pré-natais, e a orientação sexual distinta.

Em 1991 Le Vay encontrou diferenças anatômicas entre o hipotálamo anterior de homens heterossexuais e homossexuais.

Além dessas explicações, outra hipótese para determinação biológica para a homossexualidade está nos estudos de Blanchard e Bogaert (1996) sobre uma possível relação entre o número de irmãos e a orientação sexual. Segundo os autores, homens homossexuais têm um maior número de irmãos mais velhos do que os heterossexuais, sendo que a cada gravidez de feto masculino a chance de o próximo ser homossexual aumenta em 33%, todavia esta relação não se estabelece em homossexuais femininos. A hipótese defendida é que a mãe a cada gravidez de um feto masculino desenvolveria uma resposta imunológica progressiva contra o feto. A explicação estaria ligada a antígenos presentes no feto masculino que seriam combatidos por anticorpos das mães, principalmente na região cerebral originando um feto masculino com cérebro feminilizado. Tais teorias se caracterizam pelo determinismo biológico da orientação sexual, ou seja esta é estática, não muda ao longo da vida do indivíduo.

Por parte das ciências humanas têm-se também diferentes explicações para etiologia da orientação sexual, de acordo com a Psicanálise e com a Psicologia a definição da sexualidade estaria ligada ao desenvolvimento da criança e suas relações sociais (ROSITO, 1998; BLEICHMAR, 1998; KATZ, 1998). Também nesta área da ciência há discordâncias, alguns autores (GRANA, 1998; COSTA, 1998; STRUBIN, 1998) não aceitam as explicações clássicas da psicanálise, e defendem que a homossexualidade é uma variante normal da sexualidade e que a origem das causas da diversidade de orientações sexuais estaria ligada a fatores biológicos, ambientais e culturais, não seguindo um padrão nos diferentes indivíduos. Em contraponto ao determinismo biológico as teorias psicológicas acreditam que a orientação sexual seja definida por um processo.

2 Divulgando ciência... interfaces da educação informal e formal

Em tempos que atualizar-se e compreender assuntos ligados à ciência são condições fundamentais para participação de forma crítica, fundamentada e ética dos atuais desafios sócio-culturais, a atividade de divulgação científica assume o papel de estabelecer “[...] a ponte de interligação entre os dois grupos historicamente apartados: o dos cientistas e dos leigos”. (ZAMBONI, 2001, p.50).

A aprendizagem de assuntos relacionadas à ciência pode ser processada em diferentes contextos educacionais e espaciais, como pelas revistas de divulgação científica. Estas, classificadas como recursos para educação científica não formal têm contribuído para educação formal de estudantes que aprendem ciências na escola.

Neste contexto, as revistas de divulgação científica, como a Superinteressante por exemplo, buscam divulgar conteúdos de ciência com uma linguagem mais próxima da cotidianidade do público leigo o que facilita a leitura dos estudantes.

Nascimento (2008, p. 6) observou em um levantamento de pesquisas que tinham como objeto de estudo a inserção de textos de divulgação científica em salas de aula que as conclusões apontam:

[...] que os textos de divulgação científica podem cumprir diferentes funções nas aulas de ciências, tais como: motivação e estímulo à participação dos estudantes, complementação de materiais didáticos, desenvolvimento de habilidades e práticas de leitura, estabelecimento de relações entre a linguagem do estudante e a linguagem científica, contato com valores sócio-culturais implícitos ou explícitos nas informações presentes em reportagens sobre ciência e tecnologia, possibilidades de se explorar relações entre ciência, tecnologia e sociedade, e formação de espírito crítico e reflexivo.

No entanto, a autora alerta que os/as professores/as precisam ter clareza de qual perspectiva de divulgação científica ele/a pretende trabalhar a fim de fazer uso de forma crítica de “[...] um material que, apesar de não ter sido escrito com o propósito de ser utilizado na escola, passa a integrar o universo da sala de aula de ciências por todas as suas potenciais características [...]” (NASCIMENTO, 2008, p.6-7).

Assim, é importante destacar que a divulgação científica não é apenas a transmissão de um conhecimento científico, como se fosse a “tradução” da ciência do cientista para a ciência do leigo/estudante. Opondo-se a essa visão simplista, Ramos (2006, p.15) propõe que a Divulgação Científica deveria contemplar a função:

[...] de uma análise crítica da ciência, uma compreensão, por parte do público, não apenas dos avanços científicos, mas também de suas implicações, modos de produção, princípios éticos, entre outros fatores que confluem para determinar um todo chamado ciência, alguns sentidos sobre ciência para um público não especializado.

Com base nesta perspectiva de divulgação científica, interessa neste estudo saber “como se caracterizam as informações sobre orientação e diversidade sexual veiculadas pela Revista *Superinteressante*?”

3 Procedimentos metodológicos

Foi realizada uma busca de reportagens com enfoque para “orientação e diversidade sexual - homossexualidade” nas revistas *Superinteressante* publicadas de janeiro do ano 2000 até junho de 2010, no total de 132 revistas.

As reportagens foram selecionadas a partir de uma leitura analítica, inicialmente com consulta dos sumários e, mais detalhadamente, folheando as revistas. Selecionaram-se assim, todas as reportagens que mencionaram em títulos ou no texto as expressões: homossexualidade, homossexualismo, homossexual, gay, relação sexual entre iguais, relação sexual entre homens, lésbica, lesbianismo, relação sexual entre mulheres, transsexual, transsexualidade, orientação sexual e diversidade sexual.

Contendo algum (uns) destes termos a reportagem era lida por inteiro e as informações submetidas ao roteiro de observação com categorias elaboradas a partir do referencial teórico

e, principalmente, inspiradas em um estudo de Andrade (2004) que organizaram uma análise de livros didáticos e paradidáticos sobre este mesmo objeto de estudo. As reportagens selecionadas para análise podem ser observadas no Apêndice A.

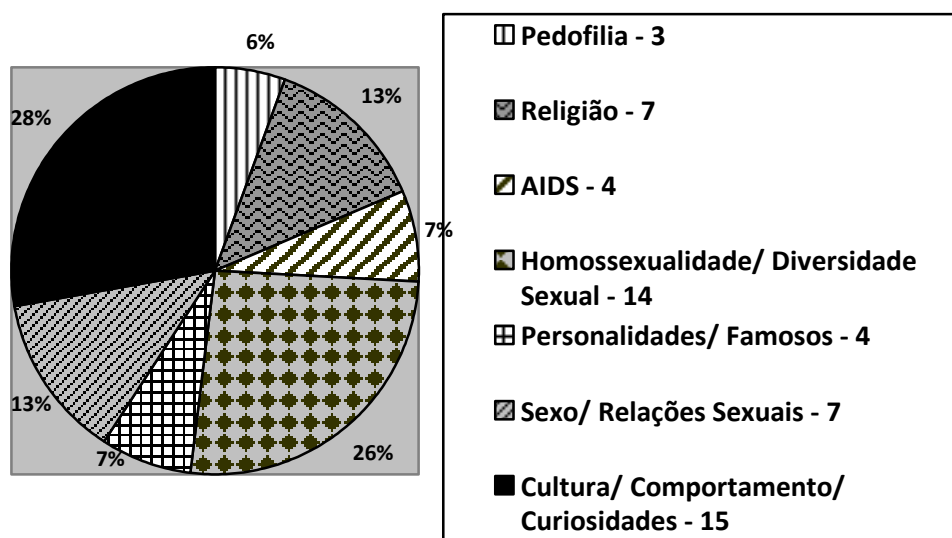
4 Resultados e discussão

Das 132 revistas analisadas 85 (64%) não continham nenhum dos termos e 47 (36%) continham. Destas, foram selecionadas 54 reportagens, uma vez que ocorreu de uma mesma edição ter mais de uma reportagem.

Ao se fazer um cálculo simples, tomando como base que há em média 45 reportagens por edição da revista, pode-se chegar ao número de 5940 reportagens ao longo destes 10 anos da história revista, o que vai significar que as reportagens que possuem algum dos termos investigados não chegam a 1%.

A partir da leitura, primeiramente organizou-se uma classificação das reportagens segundo os temas veiculados. Foram classificadas em oito temas, conforme o gráfico 1 permite observar:

Gráfico 1- Temas das reportagens que continham os termos.



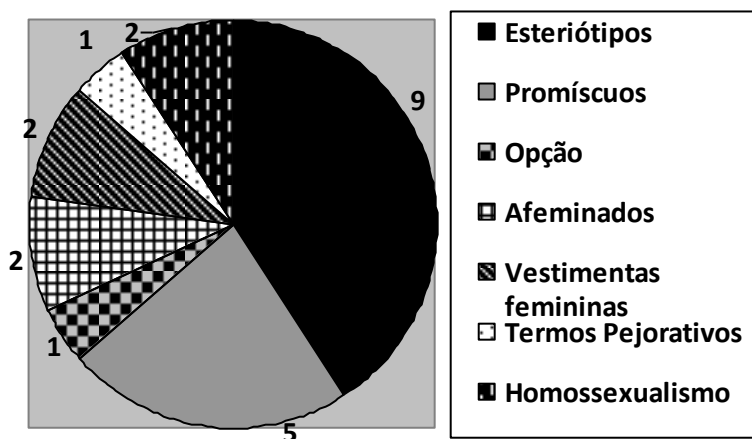
Fonte: Pesquisa Bibliográfica

Do total de reportagens apresentadas pela revista durante este período as 14 reportagens apresentavam como tema a “homossexualidade/diversidade sexual” o que corresponde a $\approx 0,24\%$ do total de reportagens. Estes números levam a crer que o tema seria pouco importante ou pouco digno de discussão para a revista ou até mesmo para a sociedade que ela divulga.

O ano de 2005 teve a maior ocorrência de reportagens que continham alguns dos termos, um total de nove, porém nenhuma delas explicava as causas da homossexualidade, ou tinha como tema principal a orientação e diversidade sexual. O ano com mais reportagens que abordavam os temas orientação e diversidade sexual e/ou explicando as causas da homossexualidade foi 2004.

Das 43 reportagens que não explicavam as causas da homossexualidade, mas continham algum (uns) dos termos, 20,9% reforçavam ou apresentavam estereótipos. 11,6% associavam a homossexualidade com a promiscuidade ou atribuíam este comportamento ao grupo, na reportagem “O HIV é inocente?” (dez. 2000) encontramos a seguinte afirmação de um cientista: “*Isso se explica porquê lá cerca de 80% dos usuários de drogas são homens e porque homossexuais masculinos usam drogas afrodisíacas, anfetaminas e cocaína. Afirma Duesberg. E também porque o comportamento promíscuo, que seria mais comum entre indivíduos desse grupo [...].*” . 2,3% das reportagens se referiam a orientação sexual como opção. 4,4 % apresentavam figuras ou textos que estigmatizavam homens homossexuais como afeminados. Duas (4,7%) mostravam homens homossexuais com vestimentas femininas. 2,3% das reportagens utilizavam termos pejorativos nos textos, como neste trecho da reportagem “A cadeia como você nunca viu” (ago.2008) “*As bichas têm que ficar na ala delas. E quem quiser que vá procurar. Não tem essa de cantar orelha de malandro, que toma logo é porrada.*” Embora, seja um excerto de uma fala de um presidiário, não há discussão dos termos pejorativos, no sentido de informar ao leitor. E 4,7% utilizavam o termo homossexualismo ao invés de homossexualidade, como se pode observar no gráfico 2:

Gráfico 2- Análise das reportagens que continham os termos, mas não abordavam as causas da homossexualidade.



Fonte: Pesquisa Bibliográfica

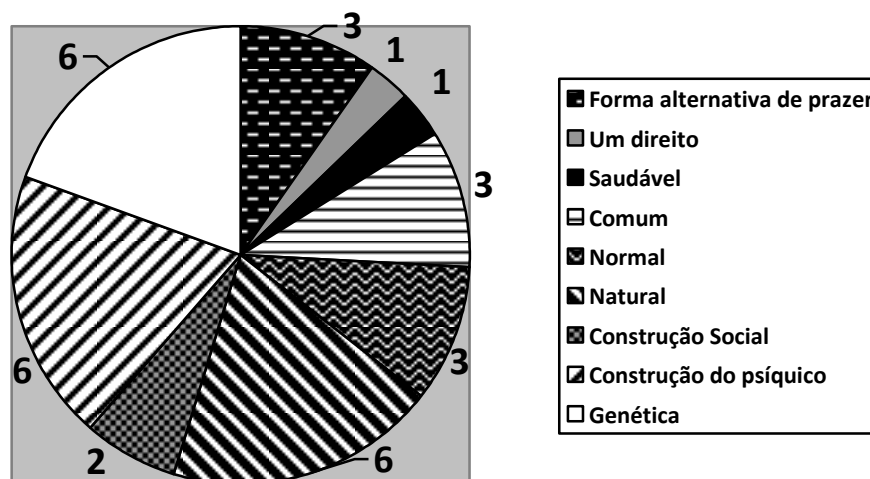
Das nove reportagens que abordavam as causas da homossexualidade, quatro explicaram-na como sendo causada por aspectos biológicos, psicológicos e culturais, isto é positivo, pois não há consenso ainda no meio científico sobre as causas. Porém cinco reportagens tratavam apenas do fator psicológico ou apenas do biológico ou biológico e psicológico, este fato pode ser tido como negativo, há três possíveis causas e todas deveriam ser tratadas.

Como não se chegou a um consenso sobre as causas da homossexualidade, como ela é definida e quando, os jornalistas deveriam apresentar tanto a explicação processual quanto a estática como aconteceu em três reportagens. Interessante é que em quatro reportagens esta explicação não esteve presente.

Também é positivo o fato de os autores mostrarem (em oito reportagens) que há muito a ser estudado sobre a homossexualidade e em uma o autor deixa claro que não existe um modelo simples de explicação, evidenciando que o tema é complexo e merece rigor em seu tratamento.

No gráfico 3 pode-se perceber que nenhum dos descritores utilizados nestas reportagens ao explicar a homossexualidade são negativos, pelo contrário, ela é tratada como natural, comum, saudável, forma alternativa de prazer, um direito e/ou normal.

Gráfico 3 - Descritores utilizados na explicação.



Fonte: Pesquisa Bibliográfica

Ao abordar teorias das ciências humanas e biológicas, oito reportagens apresentavam teorias conflitantes e algumas complementares e uma apresentou apenas teorias complementares.

Em sete reportagens foram abordados aspectos da filosofia e da história das ciências, este é considerado importante para um tratamento consistente de um tema tão polêmico, pois a produção e a visão científica mudam ao longo do tempo. A apresentação destas questões favorece o desenvolvimento pelas pessoas de atitudes mais críticas frente ao que está sendo defendido. (ANDRADE, 2004).

Em todas as reportagens que explanavam sobre as causas da homossexualidade as teorias biológicas e psicológicas foram expostas de formas claras. Em nenhuma delas houve ocorrência de expressões que evidenciassem alguma forma de preconceito. Esta diferença entre as reportagens que não abordavam as causas da homossexualidade e as que abordavam nos leva a crer que os jornalistas, ao escreverem estas, tratavam o tema de forma mais completa, para isso utilizaram mais fontes bibliográficas e assim produziram artigos com mais embasamento científico.

Em duas reportagens foi usado o termo homossexualismo ao invés de homossexualidade, este aparece no próprio título da reportagem "*Homossexualismo tem origem genética?*" (ago. 2007). Esta designação não é mais utilizada desde que esta orientação sexual foi desconsiderada patologia.

Considerações finais

O objetivo que orientou esta pesquisa foi caracterizar as informações sobre orientação e diversidade sexual - homossexualidade veiculadas na revista *Superinteressante*. Com a interpretação dos dados pode-se observar que a Revista, ao longo da história de suas edições, possui atitudes bem ambíguas na abordagem dos temas orientação e diversidade sexual. De um lado há uma grande quantidade de termos, alguns desatualizados quando confrontados com o contexto das discussões em que foram veiculadas. Constatou-se que em muitas reportagens a homossexualidade está associada a temas sociais negativos, como a pedofilia e promiscuidade, o que inferimos que pode reforçar alguns estereótipos. Isso também pode ser observado nas imagens que ilustram as reportagens.

Não foi objetivo nesta pesquisa analisar se as reportagens tratam mais da homossexualidade masculina ou feminina, entretanto percebeu-se que a homossexualidade feminina recebe consideravelmente menos atenção nas reportagens, bem como os transgêneros.

Por outro lado, a Revista colabora positivamente trazendo o assunto para discussão, apresentando informações coerentes e mostrando a posição da ciência sobre os temas, o que, por este ponto de vista, pode-se dizer que contribui com informações que permitem aos leitores uma reflexão sobre as bases empíricas do preconceito.

A revista, dado a sua ampla distribuição, possui um papel importante na formação dos jovens e da população em geral, por isso enquanto instrumento de divulgação científica tem grande relevância nas atuais discussões sobre orientação e diversidade sexual, servindo como um veículo a favor de uma sociedade livre de preconceitos.

Reportagens envolvendo assuntos polêmicos sobre sexo, sexualidade e gênero estão diariamente na mídia e, além de informar, podem servir para a reflexão de como a escola não pode se isentar dessa discussão sócio-cultural e de seu papel em contribuir para formar espaços de construção de novas relações de convivência afetiva, compreendendo e

respeitando a diversidade. As potencialidades educativas das revistas de divulgação científica, como a *Superinteressante*, por exemplo, podem ser ampliadas pelos/as professores/as quando assumem um papel de mediação entre estes veículos de comunicação e a educação, favorecendo aos estudantes assumirem-se como leitores críticos perante o que lêem.

Referências

- ABRIL. **Revista Superinteressante**. Disponível em:
<<http://www.publiabril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais>>. Acesso em 10 abr. 2010.
- ANDRADE, C. P.. **Concepções sobre diversidade de orientações sexuais veiculadas nos livros didáticos e paradidáticos de ciências e biologia**. Dissertação de mestrado, Ensino, Filosofia e História das Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.
- BAILEY, M.; PILLARD, R. A genetic study of male sexual orientation. **Arch Gen Psychiatry**, v. 48, p. 1089-1096, 1991.
- BAILEY, J. M.; DUNNE, M. P.; MARTIN, N. G. Genetic and environmental influences on sexual orientation and its correlates in an Australian twin sample. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 78, n.3, p. 524-536, mar. 2000.
- BLANCHARD, R.; BOGAERT, A. F.. Male Homosexuality and number of Older Brothers. **American Journal of Psychiatry**, v. 153, n.1, p. 27-31, jan. 1996.
- BLEICHMAR, H. Entrevista a Hugo Bleichmar. **Revista Asociación Escuela Argentina de Psicoterapia para Graduado**, Buenos Aires, v. 24, 1998.
- BOGAERT, A. F. Birth Order and Sexual Orientation in Women. **Behavioural Neuroscience**, v. 111, n. 6, p. 1395-7, dec. 1997.
- BYNE, W.; PARSONS, B. Human Sexual Orientation: The Biologic Theories Reappraised. **Archives of General Psychiatry**, v. 50, n. 3, p. 228-39, mar. 1993.
- CANTOR, J. M.; BLANCHARD, R.; PATERSON, A. D.; BOGAERT, A. F. How many gay men owe their sexual orientation to fraternal birth order? **Archives of sexual behavior**, v. 31, n.1, p. 63-71, feb. 2002.
- COSTA, J. F. A Questão psicanalítica da identidade sexual. In: GRAÑA, Roberto (Org.). **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- FLEURY, Alessandra Ramos Demito; TORRES, Ana Raquel Rosas. Análise psicossocial do preconceito contra homossexuais. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.24, n.4, p. 475-486, out/dez. 2007.
- FURLANI, J.. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007
- GRAÑA, R. B. **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- GRILLO, S. V. de C.; DOBRANSKY, E. A.; LAPLANE, A. L. F. Mídia impressa e educação científica: uma análise das marcas do bom funcionamento discursivo em três publicações. **Caderno Cedes**. Campinas, vol. 24, n. 63, p. 215-236, maio/ago. 2004.

- GRUPO GAY DA BAHIA. **Dossiê de assassinatos de homossexuais em 2009**. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/imagens/TABELA_GERAL_2009_assassinatos_de_homossexuais.pdf>. Acesso em: 13 Abr. 2010.
- HAMER, D.; LE VAY, S. Evidence for a biological influence in male homosexuality. **Scientific American**, p. 44-49, may, 1994.
- HAMER, D; HU, S; MAGNUSON, V; HU, N; PATTATUCCI, A. A linkage Between DNA Markers on the X Chromosome and Male Sexual Orientation. **Science**, v. 261, p. 321-327, jul. 1993.
- KATZ, G. A atividade homossexual e a mente do analista. In: GRAÑA, Roberto (Org.). **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
- KRONKA, G. Z.. **A homossexualidade nas bancas de jornal: a enunciação do "assumir-se" homossexual na imprensa especializada**. Dissertação de mestrado, Linguística Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- LACERDA, M.; PEREIRA, C.; CAMINO, L.. Um Estudo sobre as Formas de Preconceito contra Homossexuais na Perspectiva das Representações Sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.15, n.1, p.165-178, 2002.
- LE VAY, S. A Difference in Hipotalamich Structure Between Heterosexual and Homosexual Men. **Science**, v. 253, p.1034-1043, 1991.
- LIPPA, R. Are 2D:4D finger-length ratios related to sexual orientation? Yes for men, no for women. **Psychology Biological**, v. 71, p. 116-12, jan. 2006.
- LONGARAY, D. A.; RIBEIRO, P. R. C.. Problematizando os discursos científicos sobre a homossexualidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 7., 2009, Florianópolis. **Anais Eletrônicos...**Florianópolis: ABRAPEC, 2009. Disponível em: < www.foco.fae.ufmg.br/pdfs/886.pdf >. Acesso em: 10 abr. 2010.
- MIRANDA, A. S. de. Saúde em Revista: a potencialidade didática de textos da Superinteressante para a abordagem de temas transversais. XIX SEPE. Universidade Federal do Paraná, 2005.
- MISKOLCI, R. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007.
- NASCIMENTO, T. G. Definições de Divulgação Científica por jornalistas, cientistas e educadores em ciências. **Ciência em Tela**. Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p. 1-8, 2008. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/index.html>. Acesso em: 10 jul. 2010.
- PAIVA, V.; ARANHA, F.; BASTOS, F.. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista Saúde Pública**. São Paulo, v. 42, p. 54-64, 2008.
- RAMOS, M. B. **Discursos sobre Ciência e Tecnologia no Jornal Nacional**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.
- RAMOS, S.; CARRARA, S.. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **PHYSIS - Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.16, n.2, p.185-205, 2006.
- ROSITO, C. A. M. Sobre a homossexualidade na mulher: a busca de um olhar feminino. In: GRAÑA, Roberto (Org.). **Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

SALOME, G. M.; ESPOSITO, V. H. C.; MORAES, A. L. H. O significado de família para casais homossexuais. **Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília**, v. 60, n.5, p. 559-63, set./out., 2007.

STUBRIN, J. P. A Psicanálise e as Homossexualidades. In: GRAÑA, Roberto (Org.).

Homossexualidade: formulações psicanalíticas atuais. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

WILLIAMS, T. J.; PEPITONE, M. E.; CHRISTENSEN, S. E.; COOKE, B. M.;

HUBERMAN, A. D.; BREEDLOVE, N. J.; BREEDLOVE, T. J.; JORDAN, C.L.;

BREEDLOVE, S. M. Finger length ratios and sexual orientation. **Nature**, Berkeley, v. 404, p. 455-6, 30 mar. 2000.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica:** subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.

Apêndice A - Distribuição das reportagens na Revista

Quadro 1- Quadro com os títulos das reportagens que continham os termos e suas respectivas edições, o ano e o mês de circulação.

Ano	Mês	Edição	Título da reportagem
2000	Outubro	157	Peter Duesberg... HIV.
2000	Dezembro	159	HIV é inocente?
2001	Março	162	Gente como a gente.
2001	Abril	163	Gay também é cidadão.
2001	Setembro	168	Poder gay.
2002	Maio	176	Inocência roubada.
2002	Setembro	180	Relaxe e goze.
2002	Outubro	181	Tudo por sexo.
2003	Fevereiro	185	Terceiro sexo.
2003	Junho	189	Ciência do sexo.
2003	Junho	189	Paradas gays é um luxo só.
2003	Novembro	194	Como Hitler pôde acontecer?
2004	Janeiro	196	Por que os pelotenses têm fama de gays?
2004	Janeiro	196	SP e Califórnia.
2004	Março	198	O público na privada.
2004	Junho	201	O Dr. Que odiava heróis.
2004	Julho	202	Brasil Homossexuais.
2004	Setembro	204	E se... humanos tivessem apenas um sexo.
2004	Dezembro.01	207	Homossexualidade é doença?
2004	Dezembro.02	208	Arco-íris no zoológico.
2005	Janeiro	209	Alexandre o cara.
2005	Março	211	Kinsey fala de sexo.
2005	Abril	212	A indiscreta história da pornografia.
2005	Maio	213	E se...a bíblia não tivesse sido escrita.
2005	Maio	213	Navalha da carne.
2005	Junho	214	A voz do Brasil.
2005	Julho	215	Nazismo.
2005	Julho	215	O que é fundamentalismo?
2005	Ed. Colecionador	-	A regra é não ter regra.
2006	Janeiro	222	Por que os gays são gays?
2006	Fevereiro	223	Rebeliões.
2006	Março	224	25 anos de AIDS.
2006	Abril	225	Doutores da agonia.

2006	Maio	226	A piada era lei.
2006	Setembro	230	Novas Minorias.
2006	Dezembro.02	234	Atração entre iguais.
2007	Fevereiro	236	Gay tem um sotaque próprio?
2007	Março	237	Jerusalém é na Amazônia.
2007	Abril	238	Cidade da Grécia: a outra Esparta.
2007	Abril	238	Foto policial.
2007	Maio	239	Ele está só. Mas está errado?
2007	Agosto	242	Homossexualismo tem origem genética?
2007	Novembro	245	Existem gays no Irã?
2007	Dezembro.01	246	Padres: pecados santos.
2008	Fevereiro	249	O código dos pedófilos.
2008	Março	250	A cadeia como você nunca viu
2008	Julho	254	Por que gays são gays?
2008	Julho	254	Nos embalos da cientologia.
2008	Agosto	255	Igreja Anglicana do começo ao fim.
2008	Agosto	255	Sexo no laboratório.
2009	Janeiro	261	A AIDS está vencendo.
2009	Abril	264	Mamãe quero ser menina.
2009	Outubro	270	Pinguim ex-gay.
2010	Maio	278	Um Papa em apuros.

Fonte: Pesquisa Bibliográfica